

O PAPEL DOS PRONOMES RELATIVOS EM TEXTOS FALADOS: UMA ANÁLISE FUNCIONAL

Noelma Cristina Ferreira dos Santos (UEPB/UFPB)
professoranoelma@yahoo.com.br

Orientador: Camilo Rosa da Silva (UFPB)
camilorosa@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esse trabalho está fundamentado nos pressupostos do funcionalismo linguístico e apresenta como tema central o funcionamento dos pronomes relativos no Português Brasileiro, especificamente na fala pessoense. Nosso objetivo geral é analisar as ocorrências das orações adjetivas, tendo como foco as funções que os pronomes relativos estão assumindo dentro da organização de textos falados. Para tanto, utilizamos dados presentes no *corpus* do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), desenvolvido na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), os quais consistem em entrevistas informais realizadas com informantes da cidade de João Pessoa. Sabemos que, com a utilização de dados advindos de situações de fala relativamente espontânea, podemos ter um diagnóstico mais aproximado da realidade linguística, da qual os usuários da língua fazem parte.

Para alcançarmos os objetivos a que nos propomos neste trabalho, foram analisadas as falas de dois informantes, sendo um do sexo masculino (doravante WL) e outro do sexo feminino (doravante RC), ambos com mais de 50 anos de idade, mais de 12 anos de escolaridade e professores aposentados. A motivação para a escolha desses dados se deu a partir de uma hipótese inicial de que sujeitos com esse perfil de idade e escolaridade teriam uma fala mais conservadora no que se refere à estrutura linguística e poderiam se constituir como uma amostra significativa de vários fenômenos linguísticos. No caso específico desta pesquisa, focalizamos no funcionamento dos pronomes relativos.

Interessa-nos também observar a quantidade das ocorrências desses pronomes, uma vez que Castilho (2010) e outros autores, a exemplo de Bagno (2011), afirmam que essa classe está em processo de extinção, até mesmo em textos monitorados. Muitos trabalhos desenvolvidos atualmente sobre esse tema revelam que os pronomes relativos estão reduzidos ao *que* e este está perdendo o estatuto de pronome para se tornar um nexos, sem papel funcional (CÂMARA JR. 1972; AMARAL, 1977; TARALLO, 1983 apud CASTILHO, 2010), um mero conector entre duas orações, sem propriedade anafórica (BAGNO, 2011, p. 900), uma conjunção integrante e até mesmo aditiva/temporal/condicional/comparativa (CASTILHO, 2010).

O presente trabalho está organizado em duas seções. Na primeira, fazemos uma abordagem teórica a respeito das funções dos pronomes relativos, desde a perspectiva sintática até a perspectiva semântica e pragmática. Na segunda seção, apresentamos a análise dos dados, em que buscamos apresentar como se dá o funcionamento dos pronomes relativos dentro das falas dos informantes pessoenses.

1 AS FUNÇÕES SINTÁTICAS E SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS DOS PRONOMES RELATIVOS

Nessa seção, dedicamo-nos a contextualizar teoricamente os estudos que tratam das funções dos pronomes relativos, destacando, em especial, um novo olhar sobre essa classe. Inicialmente, sentimos a necessidade de fazer uma breve explanação sobre a abordagem a respeito das orações adjetivas, uma vez que elas são o contexto imediato em que se situam esses pronomes.

1.1 As orações adjetivas: o contexto imediato dos pronomes relativos

De acordo com a perspectiva tradicional, as orações adjetivas têm função sintática e semântica equivalentes ao adjetivo e são introduzidas por pronomes relativos, que recuperam, sintática e semanticamente, seu antecedente.

Numa perspectiva funcionalista, Castilho (2010, p.366) afirma que “as adjetivas ou relativas são sentenças encaixadas num sintagma nominal, em que atuam como Complementadoras” e elas “podem encaixar-se em qualquer expressão-núcleo desse sintagma, aí incluída a categoria vazia[...]”. Para a classificação das orações adjetivas, Castilho (2010) as separa pelos critérios sintático e semântico. Dentro do critério **semântico**, o autor classifica as orações em quatro tipos: a) *restritivas* ou *determinativas*; b) *explicativas* ou *apositivas*; c) *restritivas finais* e d) *restritivas causais*.

Para a tipologia das orações adjetivas do ponto de vista **sintático**, Lemle (1978 apud CASTILHO, 2010, p.367) considera as estratégias de relativização do português brasileiro e as classifica em: a) *sentença adjetiva padrão*, em que “[...] os pronomes relativos exibem as formas correspondentes ao caso que recebem de seu verbo”, é o que impõe a gramática tradicional, como em “O livro de história **cuja capa está rasgada** merece ser encadernado”; b) *sentença adjetiva copiadora*, na qual se acrescenta um pronome pessoal preposicionado para exercer a função fórica que cabia ao pronome relativo, como em: “O livro de história **que a capa dele está rasgada...**” c) *sentença adjetiva cortadora*, nas quais há o apagamento dos pronomes pessoais que tinha a função fórica, como em: “O livro **que a capa está rasgada** merece ser encadernado”.

Como vemos, através dessa classificação, Castilho (2010) procura descrever as formas como as orações adjetivas ocorrem no português brasileiro, sem apontar como certa ou adequada apenas a adjetiva padrão, a única dessas ocorrências considerada suficientemente formal para norma culta da língua. Interessante é observar que, para essa classificação, o autor faz referência a Lemle, com obra datada de 1978, ou seja, nessa época, as estratégias de relativização no PB já levavam os autores a classificarem as orações adjetivas nesses três tipos (padrão, copiadora e cortadora), e ainda hoje a gramática normativa não admite e não inclui essas formas no português padrão.

Vale salientar que as ocorrências dos pronomes relativos no português brasileiro atual nos revelam ainda outra categoria de análise, isto é, os relativos que não se enquadram na estratégia padrão nem nas estratégias não-padrão conforme apresentadas por Castilho (2010). Dessa forma, os dados coletados para essa pesquisa nos conduziram a uma análise além da sintaxe, ou seja, para efetuarmos uma investigação verdadeiramente funcionalista tivemos que recorrer ao discurso, com um olhar crítico de quem admite que só o aspecto sintático não é suficiente para entender as funções que os pronomes relativos estão assumindo na atualidade.

1.2 Os pronomes relativos no contexto gramatical

Bechara (2010, p.139) conceitua o pronome relativo a partir da sua função principal, a de retomar um termo antecedente. Além dessa função principal, o autor acrescenta que o relativo também funciona como transpositor de “oração originariamente independente a adjetivo” e passa a exercer a mesma função sintática do seu antecedente. Contudo, Bechara (2010, p.140) também considera que os pronomes relativos podem aparecer nas orações sem referência a antecedentes, como em “Quem tudo quer tudo perde”. Nesse caso, eles são chamados de *relativos indefinidos* e são interpretados como se houvesse um antecedente adaptável ao contexto, por exemplo, “A pessoa que tudo quer tudo perde”.

Quanto aos relativos marcados por preposição, Bechara (2010, p.344) esclarece que a função por eles assumida na oração é de complemento relativo. Por exemplo, na oração “o livro *de que* gostas está esgotado”, *de que* equivale a *do livro*, que funciona como complemento relativo do verbo *gostar*; portanto, o relativo também terá a função de complemento relativo e deve sempre ser anteposto da preposição, como essa função exige.

É relevante anotar que, em nenhum momento da abordagem dos pronomes relativos, Bechara (2010) menciona o desuso do *cujos* no português brasileiro, ao contrário, ele reforça as construções nas quais cabe o *cujos*, conservando a noção de que, necessariamente, precisamos utilizar esse pronome relativo para traduzir ideia de posse. Da mesma forma, na explicação acerca do *onde*, o autor esclarece que se deve evitar o uso desse pronome no lugar de *que* e *qual* e afirma que a lição para usar *onde* e *aonde*, com sentido de repouso e movimento “[...] **tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea**, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.” (BECHARA, 2010, p.170, grifo nosso).

Ainda com discurso normativo, o gramático rotula como “imprópria” a repetição pronominal da função sintática desempenhada pelo relativo, como em: “Este é o livro *que* eu o li (por: *que eu li*)”. Segundo ele, essa construção “não pertence à boa norma da língua [...]” (BECHARA, 2010, p.168).

Seguindo uma abordagem funcionalista, Neves (2000, p.365-6) também afirma que os pronomes relativos introduzem orações adjetivas; exercem nessa oração a mesma função sintática do constituinte que representam, quando ocorrem com um antecedente e têm a função fórica; podem ocorrer sem antecedente, nesse caso, correspondendo a um sintagma nominal (SN), como no exemplo: “Quem dá aos pobres empresta a Deus,” em que *quem* corresponde a *aquela que*. Quanto às funções, a autora esclarece que os pronomes relativos podem ser nucleares ou periféricos, ou seja, podem ser núcleos de sintagmas nominais, pronomes substantivos, ou podem incidir sobre um substantivo, exercendo a função de determinante (pronome adjetivo).

Analisando essas abordagens, chama-nos a atenção a importância do antecedente na determinação das funções dos pronomes relativos. Essa constatação se torna ainda mais evidente quando ampliamos o contexto de análise para situações comunicativas reais que, naturalmente, exigem uma análise mais voltada para o discurso, o que inclui, além de aspectos sintáticos, também aspectos semânticos e pragmáticos. É disso que trataremos na próxima seção.

1.3 “Diga-me quem te antecede que eu digo quem és”: o papel do antecedente como determinante da função do relativo

O conceito tradicional de pronome relativo ressalta a sua função fórica na sentença, ou seja, para ser considerado pronome relativo ele precisa recuperar um termo que lhe antecede e, na medida em que isso ocorre, automaticamente, assumir a função do termo por ele recuperado dentro da oração relativa. É desse raciocínio que se defende, na estratégia padrão, que os pronomes relativos podem ser sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial, adjunto adnominal.

No caso das sentenças que se enquadram nas estratégias não-padrão, percebemos que os pronomes relativos já não podem assumir as mesmas funções dos seus antecedentes, pois elas são exercidas por outro elemento anafórico, pela elipse ou simplesmente porque retomam o Tema da oração e não um termo em si. Bastos (2008) denomina esse tipo de oração de relativa de Tema para diferenciar da relativa padrão. Na primeira, a relação entre o antecedente e a oração é sintática, na segunda é semântica e, principalmente, pragmática.

Como afirma Bastos (2008, p.126),

na estratégia padrão o pronome relativo marca fronteiras de orações, retoma o referente do SN e explicita morfologicamente como é a participação desse mesmo referente na predicação à direita [...]. Nas estratégias não-padrão [...] o antecedente torna-se sintaticamente muito mais independente em relação à oração relativa, tanto é assim que se ele desempenha função sintática dentro da predicação, essa não é dada antecipadamente, mas por meio de algum elemento anafórico (anáfora nominal, pronominal ou elipse), na devida posição sintática da predicação. Essa configuração respeita mais a ordem preferida da língua ou a ordem menos marcada em orações absolutas, declarativas e afirmativas.

Quando os usos dos pronomes vão de encontro à tese inicial e o pronome deixa de assumir essa função fórica, ele passa a ser analisado, por alguns autores, não mais como pronome relativo, mas como conjunção, cuja função é fazer a conexão entre as orações. Tarallo (1983 apud BASTOS, 2008) defende que, nessa situação, os pronomes relativos passam a funcionar como um conjuntor e assume o papel de conjunção integrante.

Kato (1996), por sua vez, discorda desse posicionamento e argumenta em favor da classificação de pronome relativo mesmo para aqueles morfemas que introduzem as sentenças nas estratégias não-padrão. Segundo ela, a classificação como pronome relativo deve ser mantida porque há uma indicação de que ele promove um movimento de constituinte, extraído de uma posição sintática fora da sentença.

Bastos (2008) comunga do mesmo posicionamento que Kato (1996) e reforça que embora o **que** esteja reduzido a uma função relacional, ele não perdeu sua “propriedade anafórica, uma vez que carrega o referente do antecedente para a oração seguinte. Carregando o referente ‘para a frente’, o morfema passa a fazer as vezes do próprio SN, isto é, sua interpretação fica totalmente dependente deste”.

É possível observar que esse raciocínio de Bastos (2008) ressalta certo movimento na sentença quando sua construção se dá a partir de orações relativas. Essa é uma observação pertinente, pois promove uma perspectiva de análise voltada para o papel discursivo desses relativos. Nessa direção, Bastos (2008, p.130) complementa que

Diferentemente do pronome relativo das construções-padrão, que articula funções sintática e semântica (que o antecedente desempenha na oração matriz) com funções sintática e semântica (que o referente do antecedente vai desempenhar na oração relativa), o pronome relativo das orações não-padrão

articula função sintática e semântica (que o antecedente desempenha na oração matriz) com função pragmática (Tema) que seu referente desempenha com relação à oração relativa. Assim, o “que” continuaria anafórico e antecipatório (catafórico), na medida em que retoma o antecedente e indica a função pragmática desse antecedente para a predicação que segue; ele projeta um SN de uma oração em outra e faz uma espécie de comutação de níveis lingüísticos: do nível gramatical para o nível discursivo.

O conceito de Tema adotado por Bastos (2008) e utilizado neste trabalho fundamenta-se na teoria de Dik (1989 apud BASTOS, 2008). Tema, nessa perspectiva, é “um conjunto de entidade com relação ao qual a oração seguinte apresenta alguma informação relevante. [...] Assim, o constituinte Tema orienta a respeito dos tópicos do discurso, em termos dos quais o conteúdo da oração seguinte deve ser interpretado.” Uma das características mais proeminentes do Tema é que ele se posiciona fora da estrutura da sentença.

Numa situação comunicativa específica como a entrevista sociolinguística, fonte dos dados adiante analisados, isso se torna ainda mais evidente, já que, muitas vezes, o tema é introduzido na pergunta do entrevistador e o informante desenvolve sua fala encadeando as orações a partir desse tema, como veremos na próxima seção.

2 OS PRONOMES RELATIVOS NA FALA PESSOENSE: UMA ANÁLISE FUNCIONAL

Como já explicitado na introdução deste trabalho, os dados analisados foram extraídos das falas de dois informantes do projeto VALPB, que possuem em comum as seguintes características: ambos têm mais de 50 anos de idade e são professores aposentados com formação superior.

Para a organização da nossa análise, categorizamos os dados a partir da classificação das sentenças em i) relativas padrão e ii) não-padrão. Nessa última, a partir do funcionamento dos pronomes relativos, classificamos as sentenças em relativas copidora, cortadora e de Tema. Na categoria que ora denominamos de “sentenças relativas de Tema”, alojamos as ocorrências dos pronomes que não obedecem aos critérios da sentença adjetiva padrão, mas também não se enquadram nas estratégias cortadora ou copidora.

Antes de iniciarmos a análise qualitativa dos dados, faz-se interessante um levantamento quantitativo das ocorrências dos pronomes relativos nas falas desses informantes.

2.1 Levantamento quantitativo

As entrevistas tiveram duração, em média, de 60 minutos com o sujeito do sexo masculino e 60 minutos com o sujeito do sexo feminino, totalizando, portanto, 120 minutos de fala de sujeitos com naturalidade em João Pessoa, na Paraíba. Na fala do informante WL, encontramos 116 ocorrências de pronomes relativos, dos quais 65 foram usados na forma padrão e 51 na forma não-padrão, distribuídos nas categorias acima apresentadas. Na fala da informante RC, encontramos 76 ocorrências de pronomes relativos, sendo 47 na estratégia padrão e 29 nas estratégias consideradas não-padrão.

Os números estão representados na tabela abaixo:

Tabela 01: Quantidade de ocorrências dos Pronomes Relativos nas falas dos informantes

Informantes	Padrão	Não-padrão	Total de ocorrências
WL	65	51	116
RC	47	29	76
Total	112	80	192

Fonte: Dados da Pesquisa

Do total de 192 ocorrências, 184 foram do pronome *que*, apenas 1 ocorrência do pronome *quem*, usado com a preposição *com*, 2 de *onde*, 4 ocorrências de *aonde* e 1 de *quando*. Essa constatação, de certa forma, confirma o que alguns autores já percebiam a respeito da universalização do pronome *que*, mas demonstra, por outro lado, que, embora com formatações diferentes da formatação padrão, eles não estão desaparecendo.

2.2 O funcionamento dos pronomes relativos

2.2.1 As funções dos pronomes relativos na estrutura da relativa padrão

Como afirmamos anteriormente, através do levantamento quantitativo, pudemos observar que mais de 58,33% das ocorrências nas falas dos informantes é das estratégias consideradas padrão. E, dentro desse quadro, apenas 2,75% são de outros pronomes relativos diferentes de *que*, ou seja, na categoria padrão, encontramos 109 ocorrências do *que*, 1 do *quem*, 1 do *onde* e 1 do *quando*. Vejamos abaixo os exemplos dessa categoria.

- (1) os meus filhos estudavam aqui [a] colégio das Neves, no Pio Doze, no Sagrado Coração de Jesus, **que** antigamente era aqui. (RC)
- (2) É uma coisa muito interessante a pessoa **que** tem a sua escolaridade (WL)
- (3) E: a minha tia, essa criatura, **que** você tá vendo aí, já com oitenta e poucos anos(RC)
- (4) Acho que foi um alucinação **que** eu tive (WL)

Os dados de (1) a (4) representam a maioria das ocorrências dos pronomes relativos, pois estão funcionando como sujeito (1) e (2) e como objeto direto (3) e (4). Em termos numéricos, encontramos 76 sentenças com o *que* com função de sujeito e 33 sentenças com o *que* com função de objeto direto. Esses dados confirmaram a nossa hipótese de que o uso da relativização padrão é mais comum com os pronomes nessas duas funções, uma vez que a ordem canônica das sentenças não é alterada e, por não solicitar o uso da preposição, não se exige tanto esforço do falante no momento da sua elaboração.

Ainda seguindo a padronização das sentenças relativas, encontramos os seguintes exemplos:

- (4) era ali ali em Jaguaribe, **onde** tem um posto Nossa Senhora da Penha (WL)

- (6) Bom, meu marido que é uma criatura muito pacata:: **com quem** eu convivo já há quarenta e nove anos e meio:: (RC)
- (7) Olhe, eu vou dizer uma coisa: eu toda sexta-feira, **quando** eu saía do colégio, eu saía pa brincar por aí (WL)

Dentro da categoria de relativização padrão, encontramos apenas esses três exemplos, com pronomes diferentes de **que**, na fala dos dois informantes. Segundo a norma padrão, esses pronomes assumem as seguintes funções: o *onde* deve ser usado apenas em referência a lugar, nesse caso, assume a função de adjunto adverbial de lugar (5); o *quem* deve fazer referência à pessoa e está sempre acompanhado de uma preposição, funcionando, portanto, como complemento relativo (6) ou objeto indireto; e o *quando* faz referência a tempo, funcionando como adjunto adverbial de tempo (7).

2.2.2 As funções dos pronomes relativos na estrutura da relativa de Tema: o conector relativo

Para efeito de distribuição organizacional, separamos as sentenças nas quais encontramos o conector relativo em três grupos, sendo um grupo das sentenças relativas copadoras, um grupo das sentenças relativas cortadoras e um grupo das sentenças relativas de Tema. Reconhecemos que os dois primeiros grupos também podem ser denominados de relativas de Temas, mas, por falta de uma nomenclatura para o momento, assim serão chamadas as sentenças em que o pronome relativo liga as orações e retoma o Tema de alguma oração anterior e não apenas um termo que o antecede.

a) O conector relativo na sentença relativa copadora

Enquadram-se nessa categoria as sentenças ligadas através de um pronome relativo cujo antecedente é retomado por algum termo na oração relativa.

- (8) Durante o tempo de as pessoas **que** a gente trabalhou com elas (RC)
- (9) Foi as três pessoas que **que** [ain] hoje ainda tenho memórias **deles**. (WL)
- (10) [...] nós viajamos muito, fomos até:: Santa Catarina, **que** a família da esposa dele é de Santa Catarina.(RC)

Em (8), o pronome **que** retoma o SN “as pessoas” e não assume nenhuma função sintática, já que encontramos logo em seguida um pronome cópia, acompanhado de uma preposição, para retomar esse SN. Da mesma forma, em (9), o **que** também retoma um SN, “três pessoas”, e também não assume função sintática dentro da sentença, pois o SN é recuperado na sentença pelo pronome juntamente com a preposição, “deles”.

Em ambos os casos, notamos que o pronome ainda conserva o caráter anafórico e, no nível discursivo, torna os SNs “as pessoas” e “três pessoas” os temas das orações “a gente trabalhou com elas” e “hoje ainda tenho memória deles”. Isso se confirma até mesmo pela presença dos pronomes cópias, pois, consideradas as sentenças isoladamente, não seria possível recuperar o referente de “com elas” e “deles”, assim a retomada só é possível pela ligação ao SN através do **que**.

Em (10), o pronome **que** retoma o SN “Santa Catarina” para introduzir uma informação nova a respeito desse SN e, embora não assuma função sintática dentro

dessa nova oração, já que o SN é repetido no final da sentença, notamos que o pronome torna o SN o tema da oração.

b) O conector relativo na sentença relativa cortadora

A principal característica que diferencia esse grupo de sentenças das anteriormente apresentadas é a ausência do pronome cópia na retomada de um SN da primeira oração. Nesse caso, parece que a responsabilidade informacional do pronome relativo aumenta, porque a retomada é semântica e não sintática. Vejamos:

- (11) [...] durante o tempo **que** é morador do bairro (RC)
- (12) Eu gostava de Português, né? E e outras matérias **que** a gente simpatizava (WL)
- (13) E português por ser a nossa o nosso idioma e **que** a gente sempre prima. (RC)
- (14) [...] aquelas pessoas **que** eu tinha afinidade... (WL)

Seguindo o mesmo raciocínio da análise das adjetivas copadoras, observamos que, embora a função sintática do **que** seja ligar as orações, ele tem um papel semântico fundamental que é introduzir o tema da oração relativa e não resta dúvida que essa introdução se faz pela retomada do termo anterior. Nesse sentido, não podemos deixar de considerar o **que** com funcionamento anafórico, portanto como pronome relativo.¹

c) O conector relativo na sentença relativa de Tema

No levantamento de dados para esse trabalho, chamou a nossa atenção uma ocorrência de sentenças ligadas pelo pronome **que**, mas, na verdade esse pronome não retoma um antecedente, como prevê a estratégia padrão, nem se enquadra na categoria das estratégias copadora e cortadora. Alguns autores já fizeram referência em seus trabalhos à situação de despronominalização do pronome **que** e argumentaram que, nesses contextos, ele estaria funcionando como conjunção ou como “mero” conector. Não concordamos com essa qualificação de “mero” conector ou conector sem papel funcional, pois acreditamos na tese de que para todos os fenômenos linguísticos há uma motivação. É pensando nesse argumento maior que apresentamos as sentenças ligadas por conectores relativos, os quais fogem aos padrões gramaticais prescritivistas e também não se enquadram nas estratégias não-padrão convencionalizadas nos estudos linguísticos. Vejamos:

- (15) Então era um ensino de primeira qualidade. Quando o professor tinha amor pelo que fazia **que** não:: não ensinava [vi] visando somente o dinheiro. (RC).

¹ Nos recortes acima, observamos ausência de alguns termos, se pensarmos em posturas prescritivistas: da preposição “em”, em (11), dos complementos do verbo “simpatizar”, do verbo “primar” e do nome “afinidade”, em (12), (13), (14), respectivamente. Esse dado é relevante se considerarmos que se trata de falantes com formação acadêmica de nível superior.

Reconhecemos as limitações de fazer uma análise desse tipo considerando apenas o aspecto sintático. Por isso, assumimos a necessidade de recorrer aos aspectos semânticos e pragmáticos para entender o funcionamento desse pronome.

Se numa estrutura padrão é possível recuperar o antecedente do pronome relativo apenas por sua posição no sintagma, numa ocorrência como essa, devemos recorrer ao contexto que antecede o período em análise para compreendermos como se dá essa relação. Esse período faz parte de uma resposta maior cujo tema foi introduzido já na pergunta do entrevistador. Assim, temos:

(15a)

E* Hum. Hum. Como era o ensino, na época que a senhora.. de ginásio, que a senhora fazia ginásio?

I* A minha época de ginásio:: era um ensino, que podia se chamar de ensino. Eu estudei no Liceu Paraibano. Naquela época os melhores professores renomados da Paraíba. Então era um ensino de primeira qualidade. Quando o professor tinha amor pelo que fazia **que** não:: não ensinava [vi] visando somente o dinheiro. Então, foi um um um estudo de primeira qualidade, eu posso [ca] classificar.

Embora nesse excerto encontremos outras ocorrências de pronomes relativos, inclusive na fala do entrevistador, destacamos que nossa análise é apenas desse **que**, aparentemente, sem função de relativo. Analisando-o dentro do seu contexto maior, fica claro que o **que** está funcionando com o mesmo papel do **quando** da oração anterior e ambos estão retomando o tema “na minha época de ginásio”, que está topicalizado no início do turno da informante, o que nos daria o seguinte resultado:

(15b) Então era um ensino de primeira qualidade, **uma época em que** o professor tinha amor pelo que fazia, **uma época em que** o professor não ensinava visando apenas o dinheiro.

Numa estrutura considerada padrão, torna-se mais fácil visualizar o papel do pronome relativo, mas, como é sabido, a fala espontânea raras vezes obedece rigorosamente à prescrição e toda essa estrutura exige uma elaboração mais cuidadosa, mais demorada por parte do falante. O fato é que não podemos desconsiderar as características dos elementos apenas porque estão funcionando em uma estrutura diferente da estrutura padrão.

Vejamos outra ocorrência:

(16) [...] meu pai deu uma educação a gente dentro da época dentro das posses, a coisa mara maravilhosa, **que** eu tenho certeza que fosse hoje jamais jamais eu conseguiria (WL)

Um primeiro contato com essa fala, nos faria interpretar o período “que eu tenho certeza que fosse hoje jamais jamais eu conseguiria” como não fazendo parte do período anterior e o **que** introdutório como um conector vazio; porém, uma análise mais cuidadosa nos leva a concluir que esse **que** ao mesmo tempo retoma o tema da oração anterior e o movimenta para a oração seguinte. Bastos (2008) lembra que, do ponto de vista pragmático, a oração relativa permite a fixação de uma entidade e orienta pelo menos parte do discurso subsequente.

Como vemos, na versão original do período, o pronome relativo se distancia da oração que introduz devido a outro período intercalado, através do qual o falante enfatiza sua opinião, “eu tenho certeza que fosse hoje”. Além do distanciamento, há uma elipse de um verbo que complementaria a segunda oração e teria como complemento o antecedente do pronome **que**.

Organizando estruturalmente o período para uma análise a partir da estratégia padrão, teríamos a seguinte opção:

(16a) meu pai deu uma educação a gente dentro da época dentro das poses, uma coisa maravilhosa, **que** jamais eu conseguiria **fazer**.

Essa análise nos permite perceber que há uma necessidade de se considerar cuidadosamente o contexto em que se encontra o pronome relativo para, de fato, propor uma classificação adequada ao seu papel funcional. Isso também pode ocorrer com outros pronomes. Vejamos o exemplo:

(17) Bem, aí foi a minha primeira experiência **aonde** eu conheci muitas pessoas de mesmo aqui de João Pessoa. (WL).

Numa primeira leitura desse período, a tendência é considerar que o pronome **aonde** esteja retomando o SN “primeira experiência”, o que já eliminaria a possibilidade de considerá-lo no seu uso padrão. Contudo, se voltarmos mais um pouco na fala do informante, veremos que o **aonde** está se referindo ao colégio Enéas Carvalho, “lugar” onde o informante havia trabalhado por dez anos.

(17a)

I* Mas eu digo honestamente, o colégio que eu mais adorei, passei dez anos, foi o Enéas Carvalho, o antigo Santa Rita.

E* Por quê?

I* Bem, aí foi a minha primeira experiência **aonde** eu conheci muitas pessoas de mesmo aqui de João Pessoa. (WL).

Nesse caso, o padrão exigiria o pronome **onde**, por não haver indicativo de mobilidade pelo verbo, “eu conheci muitas pessoas **no colégio**”, mas, de qualquer forma, é um conector que se usa para fazer referência a lugar, o que o aproxima mais do sentido de pronome relativo. Essa ocorrência condiz com a noção de que o Tema está fora da sentença (DIK, 1989 apud BASTOS, 2008) e, como já defendemos nos exemplos anteriores, o *conector relativo* liga sintaticamente as orações e pragmaticamente recupera o tema da oração sobre a qual vai se proferir algum discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial deste trabalho era analisar, na perspectiva sintática, as ocorrências dos pronomes relativos na fala de indivíduos pessoenses. Porém, assim como na análise da maioria dos fenômenos linguísticos, percebemos que, ao considerar apenas as funções sintáticas, nos limitaríamos a descrever as ocorrências que já estão bem consolidadas nos estudos linguísticos, tanto as estratégias padrão quanto a estratégia copiadora e a cortadora.

Diante dos dados, nos deparamos com um tipo de ocorrência que não se enquadrava nessa classificação conhecida. Dessa forma, propomos a denominação de *conector relativo* para esse tipo de ocorrência, já que, aparentemente, a função sintática é apenas de ligar as orações, mas a função pragmática é deslocar o tema da oração anterior para a oração relativa de tal forma que a referência no discurso posteriormente apresentado seja facilmente recuperado. Isso significa afirmar que o conector relativo retoma a oração que o antecede, mais especificamente o tema da oração. Vale salientar que essa função é mais um subtipo de estratégia não-padrão e mostrou-se muito recorrente nas falas dos informantes.

Assim, podemos observar que há muito o que se investigar sobre esse tema. Por um lado, encontramos argumentos para refutar a afirmação de Bagno (2011) de que os pronomes estão em extinção e a tendência é desaparecer completamente - embora isso seja possível. Por outro lado, reconhecemos que, pelo menos nos nossos dados, há um número muito maior de ocorrências do pronome *que*, em relação aos outros pronomes e que seu funcionamento está seguindo um processo de gramaticalização que o distancia do formato padrão. De qualquer modo, defendemos que ainda é cedo para afirmar de maneira categórica esse desaparecimento e a despronominalização dos relativos, tão defendida por muitos autores.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Wanderli Aparecido. **A Relativização no Português do Brasil: a sentença orientada para o discurso**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, 2008.

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo, Contexto, 2010.

KATO, M. A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica, cap. 8, p. 223-261, in ROBERTS, I. e KATO, M. A. *Português brasileiro, uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

NEVES, Maria Helena Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERINI, **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.